

UM OLHAR PARA O AUTISTA:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Paula Cristina Klahold Rodrigues dos Reis¹
Silvana Dal Bosco²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desvendar o universo que envolve o tema autismo, apresentando, desta forma, o conceito de autismo, especificidades, um pouco da história, inclusão, plasticidade cerebral e finaliza compartilhando um estudo de caso de um aluno autista e suas interações com o meio educacional. Procura-se demonstrar, com este estudo, a importância que um bom acompanhamento, entendimento e diagnóstico dessa desordem global que é a síndrome do espectro do autismo, propiciando melhores oportunidades de convivência dos autistas junto à sociedade. Assim, é possível também ampliar os horizontes da compreensão das pessoas do que é o autismo e mostrar, de forma mais clara, suas características, rompendo antigos conceitos e mitos que envolvem os autistas.

PALAVRAS-CHAVE: Espectro do Autismo. Plasticidade Cerebral. Inclusão.

1. Mestre, *e-mail*: paula.reis@sc.senai.br
2. Mestre, *e-mail*: silvana.bosco@sc.senai.br

1 INTRODUÇÃO

Interessar-se em conhecer e procurar entender o “outro” como um verdadeiro ser humano dentro da sociedade, conhecendo a importância desta maneira diferente de ser e agir e como esta influência no processo da socialização humana, não é tão somente um saber sem consequências, mas sim um saber que irá ajudar na construção de um conhecimento íntegro, ético e rico em informações e saberes, que levarão à prática de um viver em sociedade com resultados valiosos, dentro de um conhecimento que repulsa a exclusão e integra o sujeito num todo, de igualdades e oportunidades ao conhecimento necessário para uma vida de descobertas, trabalho, e dignidade.

A sociedade em que vivemos é dividida em classes, sendo que uns são vistos como “normais”, enquanto o “diferente” é classificado como deficiente. Nesse sentido, os ditos “normais” impedem os “diferentes” de usufruir de direitos de igualdade, colocando-os como inferiores, desprovidos de habilidades que os aproxime da condição imposta como necessária e determinante para concretizar a vocação humana do “ser mais”, a maneira de ser e de agir que caracteriza a pessoa como “normal ou deficiente”.

Assim, o objetivo deste artigo é o despertar de interesses, de formas de estudos e conceituações sobre “o diferente”, aqui priorizando o autista. Destacamos o fato de que, para compreender é preciso apropriar-se de vários conhecimentos existentes, e construir um conceito levando em consideração as informações adquiridas na leitura e na pesquisa.

É importante pensar “o diferente”, como uma grande possibilidade de expressão, linguagem e comunicação. Conhecendo os sentidos e significados podem-se (desvendar) e ampliar a capacidade de pensamento e conhecimento sobre o que se busca, é um refletir, conhecer o “outro” e a si mesmo.

Os estudos realizados sobre o assunto, não pretendem abraçar o universo do conhecimento sobre o autista, mas sim contribuir no sentido de esclarecer e dar entendimento a certos aspectos de seu desenvolvimento, na ampliação dos horizontes e na compreensão do seu modo de ser, viver e agir.

2 CONHECENDO O AUTISTA

Para poder ajudar e conviver melhor com o autista, torna-se interessante que se tenha um melhor entendimento do que é o autismo e as características relevantes que auxiliam

em um rápido diagnóstico do indivíduo que possui autismo. Segundo a apostila didática que trata do Tema Distúrbios de Aprendizagem:

O autismo é uma desordem global que causa reações como, por exemplo, o não desenvolvimento normal da inteligência. Isso ocasiona na dificuldade de desenvolver relações sociais normais e em comportamentos compulsivos e ritualísticos. Embora algumas pessoas tenham inteligência e fala intacta, outras possuem sérios retardos em seu desenvolvimento da linguagem. (CURSOS24HORAS, 2010, p. 53-54).

Observa-se que não é tão simples como parece detectar e enquadrar uma pessoa como sendo autista.

Existem alguns mitos que envolvem o autismo, como o de que pessoas autistas vivem em seus próprios mundos, fechadas para as outras pessoas e interagindo apenas com o ambiente por elas criado. Essa crença se deve ao simples fato desses indivíduos encontrarem dificuldades para se comunicar, não conseguindo iniciar, manter ou terminar uma simples conversa. (CURSOS24HORAS, 2010, p. 54).

Talvez muito se deva a filmes que contenham uma pequena dose de ficção e que envolvam personagens com autismo. Ou ao famoso dito popular que cria crenças que prevalecem e perduram, transpondo até as definições constantes em enciclopédias especializadas.

Segundo o Livro Didático: Deficiência Intelectual e Transtornos do Espectro do Autismo (2013, p.36),

O mais conhecido dos transtornos do espectro do autismo, o Autismo, que no DSM IV recebe o número 299.00 e CID 10, F84. Ele contempla três critérios principais com suas respectivas subdivisões: déficits qualitativos em interação social, comunicação e um repertório restrito e repetitivo de habilidades e interesses, podendo haver ecolalia, maneirismo e problemas de comportamento.

Ecolalia refere-se à repetição de palavras ou frases inteiras, já o Maneirismo caracteriza-se por motores estereotipados e repetitivos (por exemplo, dar pancadinhas ou torcer as mãos ou os dedos, ou movimentos complexos de todo o corpo) e Problemas de Comportamento são ações que não se enquadram no previsto diante do grau cognitivo referente àquela idade.

2.1 Um Pouco de História

O termo autismo surgiu através de estudos e observações ocorridas há mais de meio século. Em 1943, Leo Kanner, psiquiatra austro-americano, em Baltimore, Estados Unidos, e Hans Asperger, austríaco, em Viena, em 1944 descreveram as mesmas características como falta de interação social e movimentos repetitivos e estereotipados, com pequenas diferenças, principalmente no que concerne à comunicação e à linguagem. Ambos utilizaram o termo “autista” para essas características. (ASPERGER, 2013).

DIANTE DESSA DESCOBERTA, OUTRAS SURGIRAM POSSIBILITANDO UMA MAIOR CLASSIFICAÇÃO JUNTO AOS PORTADORES DESSES TRANSTORNOS. KANNER DESCREVEU UM GRUPO DE MENINOS COM SINTOMAS E CARACTERÍSTICAS SEMELHANTES E, PELA PRIMEIRA VEZ, OBSERVOU QUE ELES TINHAM “AUTISMO INFANTIL”. HANS ASPERGER TAMBÉM DESCREVEU CARACTERÍSTICAS E SINTOMAS QUE NOMEOU COMO “PSICOPATOLOGIA AUTÍSTICA”.

Por causa da Segunda Guerra Mundial, os estudos de Hans Asperger somente vieram a público no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, pelas mãos da psicóloga Uta Frith, do Instituto de Psiquiatria de Londres. Frith traduz e traz à luz o trabalho de Hans Asperger que havia ficado na sombra durante muito tempo.

Logo após foram feitos mais estudos que puderam propiciar e classificar outras formas e graus de autismo.

Já a Síndrome de Asperger (provavelmente em homenagem a Hans Asperger), é uma nomenclatura indicando as pessoas com características brandas do autismo, e que têm melhor manejo social e de comunicação, mas que mesmo assim necessitam de um acompanhamento visando à superação dos obstáculos que possam vir a surgir em seu convívio em sociedade, pois apresentam pouco comprometimento das habilidades sociais. Quando criança, estes não apresenta atraso da linguagem, normalmente tem uma voz monótona, aparentemente pedante, linguagem rebuscada e interesses restritos. Como exemplo, é possível citar a seguinte situação: se você gosta de um videogame, falará com outra pessoa sobre o seu interesse pelo jogo, sem se importar se o outro gosta do assunto ou não.

2.2 Tratamento do Autista

O tratamento do autista deveria começar desde a idade mais tenra, pois um programa de tratamento precoce, intensivo e apropriado melhora muito a perspectiva de crianças com autismo, aumentando, assim, os interesses delas com uma programação altamente estruturada de atividades construtivas. Os recursos visuais geralmente são úteis. Uma visão focada e personalizada também fará a diferença, pois o tratamento do autismo tem mais êxito quando é direcionado às necessidades específicas da criança. Um especialista ou uma equipe experiente deve desenvolver o programa para cada criança. Há várias terapias para autismo disponíveis, incluindo:

- análise aplicada do comportamento (ABA);
- medicamentos;
- terapia ocupacional;
- fisioterapia;
- terapia do discurso/linguagem.

TERAPIAS DE INTEGRAÇÃO SENSORIAL E DA VISÃO TAMBÉM SÃO COMUNS NO AUTISMO, MAS HÁ POUCAS PESQUISAS QUE COMPROVAM SUA EFICÁCIA. O MELHOR PLANO DE TRATAMENTO PODE USAR UMA COMBINAÇÃO DE TÉCNICAS¹.

¹ Disponível em: <<http://www.minhavidacom.br>>.

3 INCLUSÃO JUNTO A UMA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

A tecnologia existe ao alcance de todos, mas para isso é preciso não apenas ter acesso à tecnologia específica que beneficie os diferentes *deficits* cognitivos como também deve-se haver uma pessoa apta para propiciar o uso correto desta tecnologia junto aos usuários, sejam eles autistas, cadeirantes, surdos, cegos, que possuam síndromes de down, paralisias ou portadores de qualquer deficiência que requer o benefício da tecnologia para garantir-lhes uma vida melhor.

O uso de programas computadorizados pode impulsionar o desenvolvimento cognitivo, atuando na zona de desenvolvimento proximal da pessoa, permitindo que ela avance em relação ao que já sabe e conhece da tecnologia de forma progressiva, iniciando-se por aplicativos simples, de desenho, até mais sofisticados, como programas editores de texto e navegações pelos diversos recursos da Internet. (ROCHA; COUTO, 2012, p. 2).

Esses aplicativos podem ser encontrados tanto pagos como de forma gratuita. Um *site* que disponibiliza *softwares* que estimulam a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania das pessoas com deficiência é o *site* da Rede SACI².

Com esse avanço tecnológico, tanto *softwares*, *hardwares*, como dispositivos físicos surgiram beneficiando os mais diversos campos, sejam na área da saúde, militar, industrial, educacional etc.

Cabe agora que essas ferramentas sejam disseminadas de forma mais abrangente e que possuam uma forma acessível para que os futuros usuários possam requerê-los de forma rápida e eficiente.

Atualmente existem diversos recursos de acessibilidade os quais estão hoje classificados em três grupos: adaptações físicas ou órteses (trata-se de equipamentos acoplados ao corpo do indivíduo); adaptações de *hardware* (dispositivos utilizados diretamente no micro ou periféricos especiais); e os *softwares* especiais de acessibilidade (programas que facilitam o uso dos computadores). (BORBA e SELBACH, 1998).

Fazendo uso desses recursos, certamente as pessoas que possuem as mais variadas deficiências poderão usufruir dos benefícios que estes lhes trarão e, por conseguinte, garantir seu bem-estar diante de uma sociedade que aos poucos vai se abrindo para os caminhos de uma inclusão junto à diversidade.

² Disponível em: <<http://saci.org.br>>.

4 PLASTICIDADE CEREBRAL

Uma grande descoberta das ciências nos últimos tempos foi a da Plasticidade Cerebral que, segundo o *site* cerebro.weebly.com, “é a capacidade que o cérebro tem em se remodelar em função das experiências do sujeito, reformulando as suas conexões em função das necessidades e dos fatores do meio ambiente”.

Muito se constatou através desta descoberta.

Há alguns anos atrás, admitia-se que o tecido cerebral não tinha capacidade regenerativa e que o cérebro era definido geneticamente, ou seja, possuía um programa genético fixo. No entanto, não era possível explicar o fato de pacientes com lesões severas obterem, com técnicas de terapia, a recuperação da função. Porém, o aumento do conhecimento sobre o cérebro mostrou que este é muito mais maleável do que até então se imaginava, modificando-se sob o efeito da experiência, das percepções, das ações e dos comportamentos. (CEREBRO.WEEBLY.COM, 2010).

Portanto, vê-se necessário o constante estímulo desses portadores de necessidades especiais para que partes de suas deficiências talvez possam ser amenizadas ou superadas graças a esta plasticidade cerebral, pois:

Deste modo, podemos referir que a relação que o ser humano estabelece com o meio produz grandes modificações no seu cérebro, permitindo uma constante adaptação e aprendizagem ao longo de toda a vida. Assim, o processo da plasticidade cerebral torna o ser humano mais eficaz. (CEREBRO.WEEBLY.COM, 2010).

A TERAPIA (FISIOTERAPIA, PSICOTERAPIA, OSTEOPATIA, ENTRE MUITAS OUTRAS) É IMPORTANTE POR PROPICIAR A REABILITAÇÃO DO CÉREBRO LESIONADO PODENDO PROMOVER A RECONEXÃO DE CIRCUITOS NEURONAIS DANIFICADOS.

E é por este fato que certas regiões do cérebro podem substituir as funções afetadas por lesões cerebrais. Como tal, uma função perdida devido a uma lesão cerebral pode ser recuperada por uma área vizinha da zona lesionada. Contudo, a recuperação de certas funções depende de alguns fatores, como a idade do indivíduo, a área da lesão, o tempo de exposição aos danos, a natureza da lesão, a quantidade de tecidos afetados, os mecanismos de reorganização cerebrais envolvidos, assim como, outros fatores ambientais e psicossociais.

5 ESTUDO DE CASO

5.1 Desenvolvimento do Autismo

Através da apresentação de um estudo de caso, é possível constatar como tanto as tecnologias como o estímulo por parte do professor diante de um bom ambiente de estudo salutar e de uma prática pedagógica dinâmica e atuante, propiciam ao aluno Autista uma maior segurança

e a “abertura” de possibilidades que venham a amenizar certos *deficits* para desenvolver suas habilidades, controlar certas características do autismo ou até modificá-las.

A seguir segue o relato da experiência observada nas aulas de informática com um grupo de autistas. Neste relato, o foco será estabelecido em um aluno de 19 anos. A seguir apresenta-se o laudo desse aluno.

Quadro 1: Análise do Laudo da Avaliação Descritivo-comparativo periódica do aluno com autismo

Segundo o CAPP – Centro Associativo de Atividades Psicofísicas Patrick;

A análise Psicológica apresentou que o aluno é um paciente estável e bem adaptado à lógica do grupo onde é atendido, entretanto alguns comportamentos não funcionais são reforçados pelos colegas e alguns aspectos de seu comportamento não podem ser trabalhados em grupo devido às especificidades de sua patologia. (Diogo E.C.Silva CRP12/08378).

A análise de Fonoaudiologia, o aluno está tomando iniciativa de iniciar diálogos e ainda observa-se a presença de ecolalia, porém nota-se que este está começando a elaborar, com maior facilidade, respostas às perguntas. (Simone F. Freitas CRF/SC 5770).

Fonte: Das autoras (2013)

As aulas ocorrem em um laboratório de informática localizado no Centro Associativo de Atividades Psicofísicas Patrick (CAPP) em Chapecó. Como o laboratório não é muito grande, às vezes o aluno em questão utiliza a máquina em dupla com algum colega, cabendo à professora intercalar as atividades de forma sábia e evolutiva, respeitando o grau cognitivo de cada aluno.

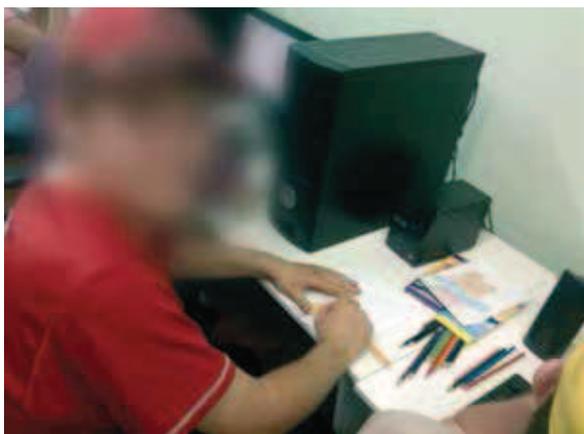
No caso desse aluno, que é muito afável com os colegas, algumas vezes, quando necessita aguardar a sua vez, fica um pouco ansioso e

acaba por se autflagelar cutucando-se no braço e, às vezes no rosto.

Portanto, em uma determinada aula de informática, enquanto o aluno aguardava sua vez de manusear o computador, a professora rapidamente criou uns desenhos para serem coloridos e entregou a ele (um por vez) para que os colorisse.

Quase que momentaneamente o aluno iniciou animadamente o processo de colorir, com muito empenho e capricho.

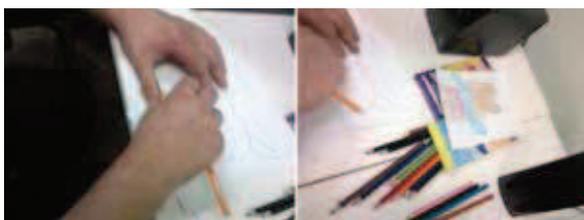
Figura 1: Aluno animado na tarefa de colorir desenhos



Fonte: Das autoras (2013)

As imagens a seguir tem o objetivo de mostrar como o referido aluno posiciona sua mão e a maneira de colorir os desenhos, não demonstrando a mesma percepção de cores que uma criança maior teria, e nem uma noção de que deve pintar apenas dentro da área do desenho. Porém, seus traços são retilíneos e precisos, demonstrando equilíbrio e firmeza nas mãos (o que foi constatado diante das inúmeras vezes que quebrou a ponta dos lápis).

Figura 2: Maneira como o aluno posiciona as mãos, o lápis e forma de colorir



Fonte: Das autoras (2013)

Figura 3: Sorrindo feliz com o olhar sem fixar algo específico



Fonte: Das autoras (2013)

Estava bem empenhado na atividade, porém depois do intervalo, foi a sua vez de manusear o computador o que fez com empenho e auxílio da professora. Foi uma aula produtiva respeitando-se o grau cognitivo dos alunos com autismo (como o do estudo de caso), alunos com síndrome de down, retardo leve e moderado.

Figura 4: Turma de informática animada mostrando seus trabalhos



Fonte: Das autoras (2013)

Os alunos autistas desta turma possuem suas próprias particularidades, sendo todos bem aceitos pelos demais colegas portadores de outros *deficits* cognitivos. No caso do aluno aqui estudado, procura-se incentivá-lo a participar das atividades da melhor forma possível e, para isso, a docente Paula Reis procura fazer uso tanto de dinâmicas atrativas que facilitem a sua compreensão, como de atividades externas que possam, posteriormente, ser relacionadas com as aulas de informática. Como foi o caso da carta que fizeram durante a aula, na qual aprenderam a selar o envelope, entenderam a proposta de

se enviar a carta para um colega e finalizaram passeando até a agência dos correios e inserindo o seu envelope na Caixa de Correspondências da Agência.

Figura 5: Visita ao Correio



Fonte: Das autoras (2013)

6 CONCLUSÃO

Conclui-se, através deste estudo aqui apresentado, que os docentes devem ficar atentos às necessidades educacionais especiais dos estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo e ou Deficiência Intelectual, de tal forma que eles consigam desenvolver e aprimorar seus talentos e habilidades, fortalecendo o autoconceito positivo.

Para isso, é preciso criar rotinas de trabalho, implementar o uso dos apoios visuais, estabelecendo hábitos de trabalho e estudo. Ao promover um ambiente de trabalho e estudo agregador e interativo, o docente possibilitará que os estudantes com TEAs e DI não tenham receio de expandir seus interesses, tirar dúvidas e trocar ideias.



A GLANCE TO THE AUTISTIC

ABSTRACT

This work aims to unravel the universe that surrounds the subject of autism, showing thus the concept of autism, specificities, a bit of history, inclusion, brain plasticity and proposes to share a case study concerning an autistic student and his interactions with the educational environment. We want to demonstrate, with this study, the importance of good monitoring, understanding and diagnosis of global disorder, which is the Autism Spectrum Syndrome, which may provide to the autistic person better opportunities to live in the society. Thus, it is possible to broaden the horizons of understanding of people about what autism is and show, more clearly, their characteristics, breaking old myths and concepts involving autistic people.

*Key-words: Autism Spectrum.
Brain Plasticity. Inclusion.*

REFERÊNCIAS

Apostila Técnica: **Distúrbios de Aprendizagem**. Disponível em: <www.cursos24horas.com.br>. Acesso em: 18 fev. 2013.

ASPERGER H. **Psicopatía Autística**. Enc. Ped., v. III/1, Madri: Morata, 2013.

BORBA, M.; SELBACH, M. Tecnologias para educação especial. In: CONGRESSO RIBIE, 4, 1998, Brasília. **Anais...** Brasília: [s.n.], 1998.

Livro Didático: **Deficiência Intelectual e Transtornos do Espectro do Autismo**. Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional, Serviço Nacional/ Departamento Regional de Santa Catarina. Brasília: SENAI/DN, 2013.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; COUTO, Danielle Beatriz de Souza. Inclusão Sociodigital de Portadores de Necessidades Especiais. **Revista da PUC** – Pontifícia Universidade Católica. Campinas, 2012.

Tratamento do Autista: Disponível em: <<http://minhavidacom.br/saude/temas/autismo>>. Acesso em: 09 set. 2014.

Data de recebimento: 22/03/14

Data de aprovação: 17/12/14

SOBRE AS AUTORAS



Paula Cristina Klahold Rodrigues dos Reis

É mestre em Educação pela UNOESC, pós-graduada em Administração Marketing e Negócios pela UNIVILLE, graduada em Formação Pedagógica para Formadores de Educação Especial pela UNISUL e também possui Bacharelado em Relações Públicas pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1995). Atualmente está se especializando em Gestão (Nível Técnico e Superior) pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Tem experiência na área de Gestão e Comunicação, com ênfase em Relações Públicas e Propaganda. Possui também cursos EAD em Tutoria e Licenciatura Pedagógica.



Silvana Dal Bosco

Graduada em Pedagogia pela Universidade Comunitária Regional de Chapecó (1990). Atualmente exerce o cargo de Coordenadora Pedagógica dos cursos de Qualificação Profissional, do SENAI - Unidade de Chapecó SC. Atuou como professora tutora do curso de graduação em Letras/Português e em Gestão de Bibliotecas Escolares junto ao polo UAB de Chapecó, como bolsista pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua como professora orientadora (visitante) em cursos de Pós-graduação. Possui dois títulos de Pós-graduação (Latu-sensu) e Mestrado (Strictu-sensu) em Ciências da Educação na Universidade Politécnica e Artística do Paraguai. Atualmente cursa doutorado em Ciências da Educação. Atua, ainda, como professora pesquisadora/visitante no GRUPEPU- Grupo de Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Chapecó.